



Sessão temática: Ética, direitos humanos e Serviço Social.
Mesa coordenada Ética e trabalho do assistente social: análises com subsídios teóricos em escritos de Lukács.

COTIDIANO DO TRABALHO PROFISSIONAL DA ASSISTENTE SOCIAL REFLEXÕES A PARTIR DO PENSAMENTO DE LUKÁCS E HELLER

PRISCILA FERNANDA GONÇALVES CARDOSO¹
IVELIZE OLIVEIRA FERRAZ²

Resumo: Esta comunicação discorre acerca dos componentes ontológico-estruturais da vida cotidiana, a partir do pensamento de Lukács e Heller, e suas expressões na intervenção profissional da assistente social. Após tecer considerações sobre as determinações da cotidianidade e as especificidades do Serviço Social enquanto profissão, aponta para a fundamental necessidade de pensar possibilidades de espaços de suspensão da cotidianidade.
Palavras-chaves: Cotidianidade; Trabalho Profissional; Assistente Social.

Resumen: Esta comunicación discurre acerca de los componentes ontológico-estructurales de la vida cotidiana, a partir del pensamiento de Lukács y Heller, y sus expresiones en la intervención profesional de la asistente social. Después de hacer consideraciones sobre las determinaciones de la cotidianidad y las especificidades del Trabajo Social como profesión, apunta a la fundamental necesidad de pensar posibilidades de espacios de suspensión de la cotidianidad.

Palabras claves: Cotidianidad; Trabajo Profesional; Trabajadora Social.

I. INTRODUÇÃO

Para que servem os dias?
Dias são onde vivemos.
Eles vêm, nos acordam
Um depois do outro.
Servem para a gente ser feliz:
Onde podemos viver senão neles?
(Philip Larkin)

Fruto dos estudos da docente e da mestrande, num reencontro após a graduação no qual foram orientadora e orientanda, esta comunicação retoma

¹ Professora com formação em Serviço Social. Universidade Federal de São Paulo. E-mail: <trabalhos@alvoseventos.com.br>.

² Estudante de Pós-Graduação. Pontifícia Universidade Católica.

um debate realizado pelas duas em suas diferentes trajetórias e visa tecer considerações sobre a importância da discussão acerca do cotidiano para o Serviço Social, entendendo o foco do trabalho profissional da³ assistente social e as condições objetivas/subjetivas que perpassam o cotidiano de tal atuação.

Para tanto, realizam pesquisa bibliográfica trazendo como reflexão central a discussão de cotidianidade presente nos estudos de Lukács - em específico no volume I de sua obra “Estética” - e Heller (como estudiosa e discípula do pensamento lukacsiano)⁴ – em específico em sua obra “O cotidiano e a história”, no qual retoma a discussão realizada por Lukács na obra anteriormente citada. Trazem, ainda, o aporte de intelectuais do Serviço Social que abordam esta temática a partir deste mesmo referencial teórico, em especial Netto e Guerra.

Depreender aspectos concernentes ao dia a dia do trabalho das assistentes sociais, permeado por novos e persistentes desafios, implica demarcar que o cotidiano é a base para atuação profissional. Diante disso, apresenta-se a necessidade de conceituar o que é a cotidianidade e quais as suas decorrências para o trabalho profissional da assistente social na contemporaneidade, compreendendo a relação dialética existente entre ambos, o que significa dizer que a atuação profissional também incide sobre o cotidiano.

Versar acerca da cotidianidade da vida social fornece subsídios para pensá-la no que tange ao trabalho da assistente social, considerando que “o espaço privilegiado da intervenção profissional é o cotidiano, o ‘mundo da vida’, o ‘todo dia’ do trabalho, que se revela como o ambiente no qual emergem exigências imediatas e são desenvolvidos esforços para satisfazê-las” (BAPTISTA, 1995, p. 111).

³ Por se tratar de uma categoria profissional composta, majoritariamente, por mulheres, tomaremos a liberdade de escrever no gênero feminino ao se tratar dos/as assistentes sociais, levando em conta o machismo que encontramos até mesmo no idioma.

⁴ Vale lembrar que a autora é reconhecidamente uma das maiores interlocutoras com o pensamento de Lukács e elabora toda sua produção sobre cotidiano a partir do pensamento do referido autor. “De fato, até inícios da década de 70 (período em que redige os textos citados na nota 1), Heller era uma fiel discípula de Lukács – como, aliás, a chamada ‘escola de Budapeste’; sua evolução posterior, porém, conduziu-a a um progressivo afastamento das posições lukacsianas (e, mesmo, do marxismo).” (Netto, 2007, p. 65). O autor refere-se aqui aos trabalhos de Heller sobre a cotidianidade.

E, com esta perspectiva buscaremos, nesta comunicação, resgatar a discussão ontológica da cotidianidade e pensar o trabalho da assistente social na interlocução com este resgate.

II. COMPONENTES ONTOLÓGICO-ESTRUTURAIS DA VIDA COTIDIANA E SUA NECESSÁRIA HOMOGENEIZAÇÃO

Considerando os estudos de Lukács, pode-se afirmar que não há sociedade sem cotidianidade, tampouco homem sem vida cotidiana. Para ele, é o “homem inteiro” que está na cotidianidade e nela intervém. Contudo, a impossibilidade de eliminação da vida cotidiana não lhe confere cunho meta-histórico: “se em toda sociedade existe e se põe a cotidianidade, em cada uma delas a estrutura da vida cotidiana é distinta quanto ao seu âmbito, aos seus ritmos e regularidades e aos comportamentos diferenciados dos sujeitos coletivos [...] em face da cotidianidade” (NETTO, 2007, p. 67). Assim, a compreensão do cotidiano prescinde da compreensão da própria história e da historicidade dos processos e fenômenos, pois a “vida cotidiana não está ‘fora’ da história, mas no ‘centro’ do acontecer histórico [...] o que assimila a cotidianidade de sua época assimila também, com isso, o passado da humanidade, embora tal assimilação possa não ser consciente, mas apenas ‘em-si’”. (HELLER, 2008, p. 19).

Entende-se que o cotidiano, espaço ineliminável e insuprimível, é parte constitutiva – e central – do acontecer histórico, porquanto é na vida cotidiana que ocorre a reprodução social, quando da reprodução dos indivíduos enquanto tais. As grandes ações empreendidas pelos seres humanos e que marcam a história partem da vida cotidiana e a ela retornam, tornando-se históricas mediante os seus efeitos no dia a dia. Desse modo, ainda que não de forma consciente, o sujeito que assimila a cotidianidade de sua época, apropria-se, também, do passado da humanidade. De acordo com Lukács (1966):

El comportamiento cotidiano del hombre es comienzo y final al mismo tiempo de toda actividad humana. Si nos representamos la cotidianidad como un gran río, puede decirse que de él se

desprenden, en formas superiores de recepción y reproducción de la realidad, la ciencia y el arte, se 'diferencian, se constituyen de acuerdo con sus finalidades específicas, alcanzan su forma pura en esa especificidad — que nace de las necesidades de la vida social — para luego, a consecuencia de sus efectos, de su influencia en la vida de los hombres, desembocar de nuevo en la corriente de la vida cotidiana. Ésta se enriquece pues constantemente con los supremos resultados del espíritu humano, los asimila a sus cotidianas necesidades prácticas y así da luego lugar, como cuestiones y como exigencias, a nuevas ramificaciones de las formas superiores de objetivación. (p. 11-12)

Agnès Heller explicita que a vida cotidiana é a vida de todo homem. Em suas palavras,

[...] a vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias. O fato de que todas as suas capacidades se coloquem em funcionamento determina também, naturalmente, que nenhuma delas possa realizar-se, nem de longe, em toda sua intensidade. O homem da cotidianidade é atuante e fruidor, ativo e receptivo, mas não tem nem tempo nem possibilidade de se absorver inteiramente em nenhum desses aspectos; por isso, não pode aguçá-los em toda sua intensidade (HELLER, 2008, p. 31).

Para ambos os autores, apresentam-se como determinações fundamentais da cotidianidade a heterogeneidade, a imediatividade e a superficialidade extensiva.

A vida cotidiana traz em suas configurações a heterogeneidade na medida em que apresenta situações e processos de naturezas diversas, tais como trabalho, vida política e vida privada, que exigem elevada atenção por parte do sujeito. Esta diversidade faz com que o sujeito realize escolhas ordenando espontaneamente as diversas situações de sua vida de forma hierarquizada, ou seja, valorando o que tem mais ou menos importância em cada momento histórico e em relação aos processos históricos da sociedade de seu tempo. “A vida cotidiana é, em grande medida, heterogênea; e isso sob vários aspectos, sobretudo no que se refere ao conteúdo e à significação ou importância de nossos tipos de atividade.” (Heller, 2008, p. 18). Assim, tal heterogeneidade revela outro aspecto da vida cotidiana a ela imbricado: a ordem hierárquica.

A imediatividade diz respeito ao caráter mecânico do cotidiano enquanto espaço da ação, o que significa a necessidade de fornecer respostas imediatas frente a determinadas situações, ocasionando a relação direta entre pensamento e ação, fornecendo ao cotidiano características de acriticidade e não reflexão, dada a necessidade de respostas de prontidão às situações espontâneas. Tal determinação, portanto, está diretamente relacionada a outro aspecto da cotidianidade: a espontaneidade.

El carácter específico de la inmediatez, recién referida, de la vida y el pensamiento cotidianos se expresa llamativamente según el modo del materialismo espontáneo que es propio de esta esfera. Todo análisis serio y algo libre de prejuicios tiene que mostrar que el hombre de la vida cotidiana reacciona siempre a los objetos de su entorno de un modo espontáneamente materialista, independientemente de cómo se interpreten luego esas reacciones del sujeto de la práctica.[...]

La fuerza y la debilidad de esa espontaneidad caracterizan claramente, desde otro punto de vista, la peculiaridad del pensamiento cotidiano. (Lukács, 1966, p. 46 - 48).

A espontaneidade é a característica através da qual os sujeitos apreendem os costumes e os modos de comportamento da sociedade de maneira espontânea e naturalizada. Por meio dela, ainda, são realizadas uma fração de atividades cotidianas imprescindíveis à produção e à reprodução da vida humana, que não seriam passíveis de realização caso houvesse uma reflexão acerca do conteúdo de cada uma delas.

Por fim, a superficialidade extensiva reporta-se ao fato da vida cotidiana demandar aos sujeitos a mobilização de todas as suas atenções e de todas as suas forças, mas não toda a sua atenção e toda a sua força. Assim, os sujeitos acabam por dar respostas superficiais às demandas do cotidiano, “dado que a prioridade da vida cotidiana está em responder aos fenômenos na sua extensão e amplitude e não na sua intensidade [...]” (Guerra, 2012, p. 45).

A essas determinações fundamentais da cotidianidade, somam-se outras características presentes na estrutura da vida cotidiana, demarcadas por Heller (2008), a saber: a ultrageneralização, a analogia, o uso de precedentes e a imitação.

No que se refere à ultrageneralização, Heller (2008) pontua que “os juízos ultrageneralizadores são todos eles juízos provisórios que a prática confirma ou, pelo menos, não refuta, durante o tempo em que, baseados neles,

formos capazes de atuar e de nos orientar” (p. 53). Sem estes juízos provisórios, um exaustivo esforço de reflexão seria necessário para toda e qualquer ação a ser desempenhada no dia a dia, tendo em vista a unidade imediata de pensamento e ação exigida pela vida cotidiana. Considerando o funcionamento da dinâmica social, basear-se em conceitos momentaneamente pré-moldados é algo útil ao próprio desenvolvimento da vida.

Relacionada aos juízos provisórios, visando garantir a orientação, a vida cotidiana recorre à analogia, a partir da classificação do conhecimento de um novo aspecto da realidade em uma tipificação previamente experimentada, revelando a repetição de um procedimento já adotado em determinado contexto em uma nova situação semelhante à original, o que nos remete à ideia de imitação.

A imitação é um elemento que configura a cotidianidade, considerando que as ações dos sujeitos, quando da assimilação do sistema consuetudinário, ocorrem por meio da mimese, sem a qual o trabalho e o intercâmbio não seriam possíveis. A imitação se faz presente no primeiro momento de apropriação das relações sociais, na sua superficialidade e espontaneidade.

Assim, entende-se que o cotidiano é o espaço das respostas imediatas, da não reflexão, da acriticidade e da alienação. Conforme explicitado por Cardoso (2013),

O cotidiano é, portanto, espaço da não criticidade, das respostas imediatas, da não reflexão, da alienação, do não aprofundamento, da volatilidade. Desta maneira, “[...] na cotidianidade, não é possível concentrar *todas* as energias em *cada* decisão” (Heller, 2000: 25, grifo da autora). Para que nossas escolhas se deem de maneira realmente consciente e crítica, é necessário levar em consideração o trinômio escolha-aceitação-responsabilização pelas consequências e, para tanto, que tais escolhas sejam feitas com nossa inteireza, o que é muito difícil nessa esfera do cotidiano e, com mais complicantes ainda, em um cotidiano de uma sociedade de classes (CARDOSO, 2013, p. 46).

Tal inteireza refere-se à possibilidade de nossa elevação ao humano-genérico, o que implica nos percebermos para além de nossa singularidade. Para Heller, “o indivíduo é sempre, simultaneamente, ser particular e ser genérico” (2008, p. 34). A singularidade se expressa na vida cotidiana a partir do *eu*: é o *eu* que sente, que deseja, que tem necessidades e que executa

ações na realidade. Mesmo que as determinações da cotidianidade façam com que os sujeitos se percebam, somente, em sua singularidade, sem aludir ao seu pertencimento ao humano-genérico⁵, nele está presente a possibilidade, através da relação com o *outro*, do reconhecimento do *nós*.

O acesso à consciência humano-genérica se realiza por meio do processo de homogeneização, que ocorre quando o sujeito suspende a heterogeneidade da cotidianidade e se instaura como particularidade, espaço de mediação entre o singular e o universal. O sujeito se reconhece como portador da consciência humano-genérica quando transcende a sua singularidade, por meio da objetivação de um projeto “no qual joga não todas as suas forças, mas toda sua força numa objetivação duradoura (menos instrumental, menos imediata)” (NETTO, 2007, p. 69). Nas palavras de Heller:

O meio para essa superação dialética [*Aufhebung*] parcial ou total da particularidade, para sua decolagem da cotidianidade e sua elevação ao humano-genérico, é a *homogeneização*. Sabemos que a vida cotidiana é heterogênea, que solicita todas as nossas capacidades em várias direções, mas nenhuma capacidade com intensidade especial. Na expressão de Georg Lukács: é o “homem inteiro” [“ganze Mensch”] quem intervém na cotidianidade. O que significa homogeneização? Significa, por um lado, que concentramos toda nossa atenção *sobre uma única questão* e ‘suspenderemos’ qualquer outra atividade durante a execução da anterior tarefa; e, por outro lado, que empregamos nossa *inteira individualidade humana* na resolução dessa tarefa. Utilizemos outra expressão de Lukács: transformamo-nos assim em um “homem inteiramente” [“Menschen ganz”]. E significa, finalmente, que esse processo não se pode realizar arbitrariamente, mas tão-somente de modo tal que nossa particularidade⁶ individual se dissipe na atividade humanogênica que escolhemos conscientes e autonomamente, isto é, enquanto indivíduos. (HELLER, 2008, p.27).

Para a autora, as formas privilegiadas de objetivação que possibilitam tal homogeneização são a arte e a ciência. Para Lukács, além dessas duas objetivações, encontra-se ainda o trabalho criador. Tais objetivações possibilitam o rompimento com a tendência orientada ao *eu* do pensamento

⁵ “Ao nos percebermos enquanto parte de uma mesma humanidade, percebo a diferença [...] como um traço específico que manifesta a própria humanidade. No mútuo reconhecimento com aquele que é distinto de mim [...] enquanto integrantes do mesmo gênero humano, aproximo-me de nossa humanidade e contraponho-me a qualquer tipo de preconceito e racismo, pois representam a violação de sua/minha humanidade e, ao mesmo tempo, desconsideram as singularidades e identidades” (CARDOSO, 2013, p. 60).

⁶ No lugar de “particularidade” leia-se “singularidade”. Na tradução para o português no Brasil, ocorre o grave erro da troca de singularidade por particularidade. Assim, toda vez que o termo particular aparecer, leia-se singular.

cotidiano e, embora não suprimam a cotidianidade, a suspende por determinado período de tempo, visto que não podem ser contínuas, pois,

[...] estabelecem um circuito de retorno à cotidianidade; ao efetuar este retorno, o indivíduo enquanto tal comporta-se cotidianamente com mais eficácia e, ao mesmo tempo, percebe a cotidianidade diferencialmente: pode concebê-la como espaço compulsório de humanização (de enriquecimento e ampliação do ser social). Está contida aqui, nitidamente, uma dialética de tensões: o retorno à cotidianidade após uma suspensão [...] supõe a alternativa de um indivíduo mais refinado, educado [...]; a vida cotidiana permanece ineliminável e inultrapassável, mas o sujeito que a ela regressa está modificado (NETTO, 2007, p. 70-71).

Apresentada aqui a discussão ontológica a respeito da cotidianidade, procederemos às considerações referentes ao trabalho profissional, exemplificando de que forma os componentes ontológico-estruturais da vida cotidiana se manifestam no dia a dia do exercício profissional da assistente social na contemporaneidade.

III – TRABALHO PROFISSIONAL DA ASSISTENTE SOCIAL, COTIDIANIDADE E SUA NECESSÁRIA SUSPENSÃO

As determinações fundamentais da cotidianidade, abordadas no item anterior, se expressam na intervenção profissional da assistente social, bem como as características decorrentes destas determinações. De forma breve, explicitaremos tais manifestações.

A heterogeneidade tem sua expressão por meio das diversas e antagônicas demandas colocadas à profissional – imediata, mediata, aparente, real, institucional, do usuário, da profissão, urgente, emergente. A imediaticidade, aliada ao espontaneísmo, no trabalho profissional, fomenta a consecução de respostas isentas de mediações. A superficialidade implica à assistente social, em sua atuação profissional, fornecer respostas a partir da extensão das demandas e não da sua intensidade, considerando o somatório dos fenômenos e não a relação entre eles.

Concernente ao exercício profissional, a espontaneidade se manifesta quando as demandas colocadas são assimiladas imediata e irrefletidamente,

ocasionando a restrição da atividade “ao cumprimento de rotinas institucionais, metas de produtividade, critérios de elegibilidade, e o profissional passa a responder mecanicamente no âmbito das determinações da instituição” (GUERRA, 2012, p. 45).

Na dimensão técnico-instrumental da profissão, os procedimentos ultrageneralizadores são frequentes, acarretando que a ação seja pautada em experiências anteriores e na empiria, estendendo os resultados provenientes da observação de uma determinada situação a todos os casos possíveis, obscurecendo os novos elementos trazidos pela realidade e incorrendo em respostas profissionais também ultrageneralizadoras. Tal processo pode ser evidenciado, ainda, nas dimensões teórico-metodológica e ético-política da profissão, acarretando a reprodução acrítica e irrefletida de determinados valores e de um único modo de fazer.

Tal processo é permeado de contradições, visto que fornece subsídios para uma dada interpretação do real, sendo, contudo, nefasto por não permitir desvendar a especificidade de determinadas circunstâncias. Ao pressupor determinada temática como bem conhecida, incorre-se na negação da dialética do ser e do conhecimento sobre o ser, que se encontra em permanente processo de constituição: “o bem-conhecido em geral, justamente por ser bem-conhecido, não é reconhecido. É o modo mais habitual de enganar-se e de enganar os outros: pressupor no conhecimento algo como já conhecido e deixá-lo tal como está” (HEGEL apud GUERRA, 2012, p. 49).

A assistente social, no cotidiano do seu trabalho profissional, utiliza-se de procedimentos iguais quando supõe que as situações vivenciadas no momento presente são semelhantes a alguma já experienciada, valendo-se da comparação de situações diferentes. Fazer uso de tal recurso pode gerar respostas profissionais fundamentadas apenas na aparência do similar, onde não há a compreensão do concreto enquanto síntese de múltiplas determinações.

O uso de precedentes parte da constatação de que os acontecimentos vivenciados pelo sujeito no presente não são inéditos, já existindo exemplos sobre a situação, constituindo-se em um indicador útil para a tomada de decisão quanto a uma atitude. Nesse sentido, pode ocorrer, ainda, a imitação,

quando a assistente social tem como base da sua intervenção a imitação de práticas que foram acionadas por ela ou por terceiros em outro contexto, não sendo incomum a fala “já fiz isso dessa maneira mil vezes, pra que mudar?” ou “isso já foi feito e não deu certo, nem adianta tentar”.

Nas palavras de Heller (2008), “em princípio, não se trata de um ‘mal’. Essa atitude tem efeitos negativos, ou mesmo destrutivos, apenas quando nossa percepção do precedente nos impede de captar o novo, irrepitível e único de uma situação” (p. 55). À assistente social, não apenas é pertinente, como recomendado, conhecer a reflexão e a produção teórica, baseadas em estudos anteriores, a respeito da situação na qual se encontra e dos objetos sobre os quais sua ação incide. Contudo, essas experiências preliminares não podem se cristalizar como modelos exatos a serem seguidos e aplicados na intervenção em qualquer momento histórico.

Compreendidos alguns elementos que demarcam o cotidiano de trabalho da assistente social, faz-se fundamental resgatar ainda, alguns elementos que constituem a própria profissão.

Desde a década de 1980, a partir da produção de Iamamoto e Carvalho (2009), afirma-se que o Serviço Social é uma especialização do trabalho coletivo, inserido na divisão social e técnica do trabalho, tendo como foco de sua atuação a questão social, participando do processo de reprodução das relações sociais, nos âmbitos material, concernente à produção, consumo, distribuição e troca de mercadorias, e espiritual, no que diz respeito às formas de consciência social (jurídicas, artísticas, religiosas ou filosóficas)⁷.

A assistente social é dotada de força de trabalho especializada, conquistada através de formação universitária. Contudo, essa força de trabalho apenas entra em ação quando dispõe de meios e instrumentos de trabalho, os quais não são de propriedade da assistente social, devendo ser colocados à disposição desta por meio de seus empregadores institucionais. Raichelis (2011) evidencia que “as implicações desse processo são profundas e incidem na autonomia relativa desse profissional, que não possui [...] o poder de definir

⁷ O objetivo desse ensaio não é discutir se o Serviço Social se configura enquanto trabalho ou outro tipo de práxis. Para tanto, ver Iamamoto (2007) e Lessa (2007). Interessa, aqui, entender o foco de atuação do Serviço Social e as condições objetivas que perpassam o cotidiano de tal atuação.

as prioridades nem o modo pelo qual pretende desenvolver o trabalho socialmente necessário” (p. 425).

Destarte, a profissional assistente social compõe a classe trabalhadora, mediante a venda de sua força de trabalho especializada, estando sujeita aos dilemas e constrangimentos comuns a todos os trabalhadores assalariados, como a perda de direitos historicamente conquistados, empreendida a partir dos ajustes neoliberais, o desemprego, a exploração, a precarização e a desregulamentação do trabalho.

Contratada pela burguesia para atender a classe trabalhadora, em suas ações cotidianas, atende tanto a interesses do capital quanto do trabalho. A relativa autonomia profissional é expressa na tensão existente entre a direção social que pretende imprimir ao seu trabalho, a partir de um projeto de profissão, e as exigências impostas por seus empregadores. Sem excluí-las de seu cotidiano, tendo em vista que as classes sociais existem mediante sua inter-relação, a assistente social pode conceber estratégias interventivas que fortaleçam ao capital ou ao trabalho, não deixando, todavia, de atender ambos.

Evidenciado o significado social e o caráter contraditório da profissão, questiona-se como esses são apreendidos na dinâmica institucional do dia a dia do trabalho profissional, de modo a evitar posturas fatalistas, que superestimam a realidade social frente à vontade política dos sujeitos profissionais, ou messiânicas, que afirmam a profissão como dotada de capacidade de produzir a transformação social a partir, unicamente, da vontade política e individual das assistentes sociais (IAMAMOTO, 1998; CARDOSO, 2013).

Nessa perspectiva, Guerra (2012), ao discorrer a respeito da dimensão técnico-operativa do Serviço Social, destacando a necessidade de articulação dessa dimensão da profissão às demais (teórico-metodológica, ético-política, investigativa e formativa), a fim de estabelecer uma unidade entre elas, a conceitua como aquela que concede visibilidade social à profissão, por meio da qual esta é conhecida e reconhecida: “é no desenvolvimento da dimensão técnico-operativa que o profissional constrói, reproduz códigos de orientação e um conjunto de valores e normas” (p. 42), concebendo uma determinada cultura profissional. A autora pontua, ainda, que o Serviço Social é uma

profissão fundamentalmente interventiva, característica atribuída a esta pelo tipo de resposta dada frente às necessidades sociais, que devem operar, nos aspectos objetivos e/ou subjetivos, uma modificação na situação.

Guerra assinala que

[...] a dinâmica, as requisições e as condições objetivas sobre as quais a intervenção se realiza não são as mais adequadas à reflexão, a partir do que muitos profissionais se limitam a apenas realizar suas tarefas. Mas o cotidiano profissional também não facilita a percepção das demais dimensões da profissão. Tudo se passa como se o exercício profissional fosse isento de teoria, de uma racionalidade, da necessidade de se indagar sobre a realidade, de valores éticos e de uma direção política e social (GUERRA, 2012, p. 46).

Diante das determinações próprias do cotidiano e das características inerentes à profissão da assistente social, torna-se fundamental pensar nas possibilidades de espaços de suspensão da cotidianidade. Conforme pontuado por Heller,

O caminho desse comportamento é a escolha (a decisão), a concentração de todas as nossas forças na execução da escolha (ou decisão) e a vinculação consciente com a situação escolhida e, sobretudo, com suas consequências. Numerosas etapas do “caminho” esboçado são também características das decisões semicotidianas, nas quais se realiza apenas parcialmente, ou nem mesmo parcialmente, a elevação ao humano-genérico, a suspensão da particularidade (GUERRA, 2008, p. 28).

Sabemos que é impossível um nível tal de abstração que nos coloque com inteireza em tudo, mas é fundamental que as assistentes sociais estejam neste cotidiano da forma mais inteira possível, numa perspectiva coerente com a nossa defesa ética.

III. CONCLUSÃO

Considerando as especificidades do Serviço Social enquanto profissão e as determinações da cotidianidade, tem-se que o cotidiano profissional é repleto de requisições de cumprimento de normas, regulamentos, orientações e decisões institucionais ou de superiores e de demandas contraditórias e diversas, que impõem à profissional a necessidade de respostas. Neste contexto, porém,

[...] a prioridade é responder aos fenômenos, não importa como, disto resultando um conjunto de respostas profissionais rápidas, ligeiras, irrefletidas, instrumentais, baseadas em analogias, experiências, senso comum, desespecializadas, formais, modelares, em obediência a leis e superiores, sem a qualificação necessária para distingui-las de respostas atribuídas por leigos (GUERRA, 2012, p. 46).

Destarte, no cotidiano do trabalho profissional, onde o conhecimento se dirige para as necessidades práticas, na maioria das ocasiões, são desconsideradas as implicações éticas e políticas da atuação da assistente social, sendo ignoradas as reflexões acerca da relativa autonomia e das possibilidades que poderiam emergir a partir da dimensão investigativa. O pragmatismo, presente na ação e no pensamento na vida cotidiana, infere que a verdade depende da utilidade, adequação e funcionalidade das respostas aos fins buscados, tornando-se imperativo e requisitando respostas funcionais que levem em conta, unicamente, a obtenção de resultados eficazes, revelando preocupação apenas com o desfecho da situação em si, e não com a sua análise processual.

A inserção profissional da assistente social na execução terminal das políticas sociais, que seguem o atual padrão privatista, mercantilista e minimalista, que fragmenta e setoriza as expressões da questão social, transformando-as em “questões sociais”, em razão de serem entendidas como problemas isolados, requisita um tipo de intervenção pontual, focalizada, imediata, burocrática, repetitiva e eminentemente instrumental, condicionando o exercício profissional ao imediatismo do pensamento cotidiano e a ele se limitando.

O nível da cotidianidade abarca, em si, o senso comum, sendo a esfera da vida social mais propensa à alienação. Seu discurso classifica a atividade prática em contraponto à teoria, demonstrando o não entendimento da relação dialética estabelecida entre ambas, culminando na célebre assertiva: “na prática a teoria é outra”. Dada as configurações da vida cotidiana, a teoria passa a ser considerada desnecessária ou como um impedimento à prática, resultando na prática irrefletida, que estabelece uma distância radical entre a elaboração teórica e a intervenção profissional.

Entretanto, conforme pontuado por Cardoso (2013),

[...] embora o cotidiano seja o espaço da não criticidade, das respostas imediatas, da não reflexão, da alienação, é nele também que se coloca a possibilidade do descontentamento e da transgressão ao instituído socialmente. É na realidade e nos sujeitos que estão as respostas aos problemas colocados nessa realidade [...] é nessa mesma realidade, por dentro de suas contradições, que se coloca a possibilidade da construção de valores contra-hegemônicos (CARDOSO, 2013, p. 49).

Santos (2016) afirma que

[...] expor sobre as tensões e os desafios postos ao Serviço Social na contemporaneidade tem por pressuposto que a realidade impõe limites e desafios de diferentes ordens à prática profissional. Entretanto, essa mesma realidade – que é dinâmica e está em constante movimento – igualmente possibilita ações que caminham na superação desses limites. Compreender isso é fundamental para uma prática profissional que se quer na direção do projeto ético-político da profissão e para o rompimento com uma visão messiânica e fatalista no Serviço Social (SANTOS, 2016, p. 278).

A análise aqui empreendida se propõe a problematizar o cotidiano do trabalho profissional, interpretando-o como um espaço não maniqueísta, mas denso de contradições, porquanto perpassado pela luta de classes e impregnado de desafios e possibilidades, enquanto esfera na qual a ação da assistente social se realiza, onde os antagonismos e as tensões se manifestam.

Na busca por uma atuação profissional qualificada, norteadas pelos princípios e valores expressos em nosso projeto de profissão, que vise à garantia de acesso aos direitos por parte dos usuários, é preciso superar os procedimentos que configuram a cotidianidade, compreendendo, contudo, que o cotidiano, em si, não pode ser eliminado ou suprimido. Guerra (2012) afirma que “a busca pelo novo, procedimento da razão dialética, tanto em termos do conhecimento quanto da ação, enfrenta tais procedimentos no/do cotidiano, constituindo-se como o antídoto à mera reprodução e manutenção da mesmice” (p. 52).

Conforme pontuado por Heller (2008),

[...] não há vida cotidiana sem espontaneidade, pragmatismo, economicismo, analogia, precedentes, juízo provisório, ultrageneralização, mimese e entonação. Mas as formas necessárias da estrutura e do pensamento da vida cotidiana não devem se cristalizar em absolutos, mas têm de deixar ao indivíduo uma margem de movimento e possibilidades de explicitação (HELLER, 2008, p. 56).

A partir do asseverado pela autora, depreende-se que a atividade profissional não se restringe, necessariamente, ao simples cumprimento de normas, regulamentos, objetivos institucionais e respostas pré-concebidas, podendo se constituir como espaço de análise concreta de situações concretas. Na realização de suas competências e atribuições profissionais, as assistentes sociais detêm a possibilidade, pela via do processo de homogeneização, de suspender, temporariamente, o cotidiano, quando da concentração total e momentânea em uma atividade específica.

A reflexão sobre o trabalho profissional é fundamental para resistir à tendência cotidiana de repetição e de reafirmação do instituído. A universidade, as entidades da categoria e os movimentos sociais são exemplos de espaços propícios e propiciadores à suspensão da cotidianidade. Tais momentos proporcionam ao profissional pensar acerca da relevância social e das implicações sociopolíticas de sua intervenção, viabilizando o estabelecimento de vínculos humano-genéricos.

Ainda no que tange a momentos de suspensão da cotidianidade, é válido ressaltar a importância das assistentes sociais – e da classe trabalhadora em geral – estarem em contato com as diferentes expressões e manifestações artísticas, haja vista que a arte é considerada uma dimensão do não-cotidiano, por meio da qual é liberada a criatividade e a imaginação, possibilitando, ainda que momentaneamente, o rompimento com o instituído.

À dimensão teórico-metodológica deve-se somar a dimensão investigativa, tornando possível a crítica ontológica ao cotidiano. Essa dimensão é entendida como mediação fundamental que permite uma revisão dos fundamentos técnicos, teóricos e ético-políticos que norteiam a profissão, contribuindo para o avanço desta ao apontar tendências e corroborando com a reconstituição de objetos de intervenção e a apreensão de demandas emergentes, conformando-se enquanto a dimensão do novo.

Em suma, para que as ações profissionais não sejam determinadas apenas a partir das configurações da vida cotidiana, o fazer precisa ser orientado por um conhecimento existente, do mesmo modo que requisita novos saberes interventivos. De acordo com Guerra (2012),

[...] necessita de um conjunto de pressupostos e orientações não apenas de natureza teórica, mas, também, baseado em outros tipos de saberes instrumentais e na experiência, que nem pode ser descartada tampouco venerada. Necessita, também, de componentes valorativos que permitam a escolha dentre as alternativas concretamente existentes, e tudo isso dará a direção social do exercício profissional que nem é neutro nem tem caráter finalístico (GUERRA, 2012, p. 60).

Concorda-se com as palavras de Santos (2016), ao afirmar que

[...] enfrentar esses desafios requer investimentos e fortalecimento no campo de luta por uma formação com qualidade, na direção do empoderamento das dimensões teórico-prática e político-profissional, além do fortalecimento da organização política da categoria em direção ao projeto ético-político da profissão (SANTOS, 2016, p. 283).

Essa comunicação se encerra com a beleza de um texto de Otto Lara Resende, como um convite à não cristalização na cotidianidade.

De tanto ver, a gente banaliza o olhar. Vê não vendo. Experimente ver pela primeira vez o que você vê todo dia, sem ver. Parece fácil, mas não é. O que nos cerca, o que nos é familiar, já não desperta curiosidade. O campo visual da nossa rotina é como um vazio. [...] Nossos olhos se gastam no dia-a-dia, opacos.

Que possamos olhar o familiar, aquilo que é tido como bem conhecido, os aspectos presentes na cotidianidade, como algo a ser contemplado pela primeira vez, com o mesmo sentimento de anseio frente às descobertas esperadas diante do desconhecido. Que o olhar da assistente social – o nosso olhar! – não se torne opaco diante das expressões da questão social e dos demais aspectos com os quais lida no dia a dia do trabalho institucional.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Myrian Veras. A ação profissional no cotidiano. In: MARTINELLI, Maria Lucia. et al. **O uno e o múltiplo nas relações entre as áreas do saber**. São Paulo: Cortez, 1995. p.110-121.

CARDOSO, Priscila Fernanda Gonçalves. **Ética e projetos profissionais: os diferentes caminhos do Serviço Social no Brasil**. Campinas, SP: Papel Social, 2013.

GUERRA, Yolanda. A dimensão técnico-operativa do exercício profissional. In: SANTOS, Cláudia Mônica do; BACKX, Sheila; GUERRA, Yolanda (Orgs.). **A dimensão técnico-operativa no Serviço Social: desafios contemporâneos**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2012.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Tradução Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. São Paulo: Cortez, 1998.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **Relações sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica**. 27. ed. São Paulo, Cortez; [Lima, Peru]: CELATS, 2009.

LUKÁCS, Georg. **I. La Peculiaridad de lo Estético**. Traducción castellana de Manuel Sacristán. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1966.

PAULO NETTO, José. Para a crítica da vida cotidiana. In: _____. **Cotidiano: conhecimento e crítica**. 7. ed. São Paulo, Cortez, 2007.

RAICHELIS, Raquel. O assistente social como trabalhador assalariado: desafios frente à violação de seus direitos. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n.107, jul./set. 2011.

SANTOS, Cláudia Mônica dos. Do conhecimento teórico sobre a realidade social ao exercício profissional do assistente social: desafios na atualidade. In: SILVA, Maria Liduína de Oliveira e (Org.). **Serviço Social no Brasil: história de resistências e de ruptura com o conservadorismo**. São Paulo: Cortez, 2016.